

# O NET-ATIVISMO DO/NO PERFIL DE TRUDUÁ/JULIE DORRICO

THE NET-ACTIVISM OF/IN THE TRUDUÁ/JULIE  
DORRICO'S PROFILE

## Rosana Cristina Zanelatto Santos

Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Literatura na Universidade de Brasília – Brasil. Professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – nível 2 – Brasil. Pesquisadora da FUNDECT-MS.

E-mail: [rosana.santos@ufms.br](mailto:rosana.santos@ufms.br)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9921-6765>

## Letycia Vitória Lopes da Silva

Graduada em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil.

E-mail: [letyciaalice6@gmail.com](mailto:letyciaalice6@gmail.com)

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-8291-7901>



**RESUMO:** Este artigo<sup>1</sup> adveio da necessidade de continuar uma pesquisa/uma reflexão desenvolvida durante o Programa de Iniciação Científica (PIBIC) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e de que, desta feita, o “espaço-rede” (DI FELICE, 2017, p. 28) indígena seria o lugar sobre o qual centraríamos nossa atenção. Para tanto, elegemos como objeto deste artigo o net-ativismo indígena, tendo como *corpus* o Instagram de Truduá/Julie Dorrico, pesquisadora e ativista Macuxi. Embora quiséssemos selecionar majoritariamente textos de sujeitos indígenas, cujas vozes são tomadas no Brasil, *grosso modo*, como folclóricas e pitorescas, o que conseguimos foi entrecruzar perspectivas que nos possibilitaram alargar um horizonte epistemológico, sendo, no entanto, perceptível que temos muito a percorrer, pois o nosso olhar ainda está maculado pelas teorias não indígenas.

**Palavras-chave:** net-ativismo; narrativa indígena; Instagram; Truduá/Julie Dorrico.

**ABSTRACT:** This article results from the need to continue a research/reflection developed during the Undergraduate Research Program (PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) at the Federal University of Mato Grosso do Sul and that, in this case, the indigenous “space-network” (DI FELICE, 2017, p. 28) would be the place on which we would focus our attention. Therefore we have chosen indigenous net-activism as the object of this article, using the Instagram of Truduá/Julie Dorrico, a Macuxi researcher and activist, as the *corpus*. Although we wanted to select mostly texts by indigenous subjects whose voices are taken in Brazil, roughly speaking, as folkloric and picturesque, what we have achieved is to intertwine perspectives that have enabled us to broaden an epistemological horizon. However, it is clear that we have a long way to go since our view is still tainted by non-indigenous theories.

**Keywords:** Net-activism; Indigenous narrative; Instagram; Truduá/Julie Dorrico.



(@truduadorrico. Em 3 set. 2023)

[...] Quando estamos nas comunidades somos indígenas, com a cultura bonita, mas quando saímos e vamos para a cidade ocupar a universidade e cargos públicos, começamos a incomodar os não indígenas, que usam argumentos como: ‘Você não é mais indígena porque usa celular, tem carro e fala o português’. Aí vem a pergunta: ‘Qual é o lugar do indígena segundo a visão do não indígena?’ (NHANDEVA, Alexandro da Silva, 2020, p. 16)

<sup>1</sup>Pesquisa inserida no escopo do projeto *Ainda o regionalismo, nosso contemporâneo?*, contemplado com financiamento da Chamada Fundect nº 31/2021 - Universal 2021 – ODS, Termo de Outorga 290-2022.

## 1 INTRODUÇÃO

Para a escrita deste texto, foi preciso mais do que estabelecer relações argumentativas e de sentido entre as partes que o compõem. Foi necessário (re)pensar que atores traríamos para esta cena, num movimento que deveria corresponder à seleção de vozes indígenas e não indígenas, preferencialmente brasileiras, e como elas se fazem ver/ouvir/ler, movimentando um processo reticular e conectivo. Isso porque, algo que sempre existiu, a cultura ecológica, tornou-se mais ágil, envolvente e não somente antropocêntrica, assumindo um grau de complexidade que não pode ser ignorado ou tratado de modo sistêmico.<sup>2</sup>

Essa problematização adveio da necessidade em nós de continuar uma pesquisa desenvolvida durante o Programa de Iniciação Científica (PIBIC) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul<sup>3</sup> e que, desta feita, o “espaço-rede” (DI FELICE, 2017, p. 28) indígena seria o lugar sobre o qual centraríamos nossa atenção. Sendo assim, o objeto deste artigo é o net-ativismo indígena, tendo como *corpus* o Instagram de

Truduá/Julie Dorrico, pesquisadora e ativista Macuxi.<sup>4</sup>

Para tanto, alguns conceitos serão destrinchados<sup>5</sup> no tópico seguir, tendo em mente uma orientação crítica vinda de Grada Kilomba (2019, p. 55):

Interessante, mas *acientífico*; interessante, mas *subjetivo*; interessante, mas *pessoal, emocional, parcial* [...] Tais comentários revelam o controle interminável sobre a voz do *sujeito negro* e o anseio de governar e comandar como nós nos aproximamos e interpretamos a realidade. Com tais observações, o *sujeito branco* é assegurado de seu lugar de poder e autoridade sobre um grupo que ele está classificando como ‘menos inteligente’. (os itálicos são de Kilomba)

As considerações de Kilomba são extensíveis aos sujeitos indígenas, cujas vozes são tomadas no Brasil, *grosso modo*, como folclóricas e pitorescas. Nossa intenção é entrecruzar perspectivas que nos possibilitem alargar um horizonte epistemológico. No entanto, é perceptível que temos muito a percorrer, pois o nosso olhar ainda está maculado pelas teorias não indígenas.

<sup>2</sup> Esses primeiros apontamentos nos foram sugeridos pela leitura de textos de Massimo Di Felice. Eles são entretecidos ao longo do texto e estão enumerados nas Referências.

<sup>3</sup> A pesquisa teve por título *A voz feminina na literatura indígena: o caso de Julie Dorrico* e foi desenvolvida com bolsa do CNPq. Destaca-se ainda que sua consecução faz parte do projeto *A difícil compreensão da memória na literatura indígena brasileira*, investigação contemplada com bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (2022-2025).

<sup>4</sup> Os Macuxi têm filiação linguística Karíb e habitam a região das Guianas, em território partilhado entre o Brasil e a Guiana. Sua designação contrasta com as dos povos vizinhos – os [Taurepang](#), os Arekuna e os Kamarakoto. Em conjunto, formam uma unidade étnica mais abrangente, os Pemon. O conjunto dessas designações étnicas e os diversos níveis contrastivos formam um sistema de identidades que, entre os povos guianenses, singulariza esses grupos da área circun-Roraima (disponível em: < disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi>>. Acesso em: 28 abr. 2024).

<sup>5</sup> Esclarecemos aqui que nosso entendimento do que seja um conceito é tributário do que escreveu Alice Maria Araújo Ferreira no Prefácio ao livro *Que é um conceito?*, de Benoit Hardy-Vallée. Vejamos: “Criar um conceito não consiste em se fechar numa ideia, mas em multiplicar as ocasiões de eventos, em aumentar o possível. O conceito, qualquer que seja sua definição ou o discurso que o construiu, não é uma simples descrição, nem uma simples representação abstrata que alimenta ideias gerais e/ou generalistas” (FERREIA, 2013, p. 12).

## 2 ALGUNS CONCEITOS (AINDA) NECESSÁRIOS E DISCUTÍVEIS

Em entrevista concedida a Yussef Campos em 2013, ao ser perguntado sobre a participação de Octávio Elísio<sup>6</sup> na Assembleia Nacional Constituinte, instalada em 1987, Ailton Krenak (2021, p. 20), ele próprio participante dessa Assembleia, discorre sobre a importância da Constituinte para a percepção não somente dos direitos indígenas, mas também que

Quando os indivíduos conseguem atinar com a grandeza, com a amplitude que a cultura ganha com a imaterialidade, ambos, cultura e indivíduo, transcendem. O sujeito deixa de ser um animal doméstico e se torna mais capaz de interagir no mundo, não no mundo no sentido restrito de sua cultura própria, mas de interagir com as outras culturas, se comunicar e transformar as múltiplas realidades. [...] [Também percebem como] o ser humano pode se beneficiar dessa mobilidade, e isso atualiza o ser humano, atualiza as mentalidades.

Se o comunitarismo indígena está ancorado em direitos coletivos garantidos pela *Constituição Federal* (1988), como: o direito à diferença cultural, a garantia de uso das terras tradicionalmente ocupadas, o direito à organização indígena como parte dos processos judiciais e o direito à educação indígena, o humano direito à equidade não pode ser esquecido.

Toda essa luta [por nossos direitos] nos trouxe até aqui, nos colocando nos bancos da Universidade e nos fazendo protagonista da nossa história. Ressalto aqui que o acesso ao ensino superior é uma questão de justiça. O

direito à educação é uma dívida histórica que o governo brasileiro e a sociedade têm com os povos indígenas. Que fique bem claro, isso não tem a ver com privilégios ou regalias. Isso é direito nosso... (JACINTHO, 2020, p. 74-75)

O direito à educação, como devido a qualquer cidadão brasileiro, é firmemente reivindicado e assumido por Jacintho (2020), o mesmo sendo válido para o acesso às tecnologias da informação e comunicações.

Desde 2005, Massimo Di Felice está à frente do ATOPOS, uma rede internacional com pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, que têm por objetivo investigar como as tecnologias digitais impactam a sociedade contemporânea.<sup>7</sup> No espaço digital onde está alocado o ATOPOS, há várias abas para consulta, entre elas, uma com os conceitos que norteiam as pesquisas do grupo, interessando-nos, por ora, o de net-ativismo, cujas interações

[...] não são mais promovidas por um sujeito ator, mas são a expressão de uma complexidade ecológica que conecta diversos actantes que descrevem interações colaborativas resultantes das sinergias entre co-autores de diversas naturezas – pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas, etc. A expressão net-ativismo é uma construção linguística que deve ser compreendida como um oxímoro, composta pelo prefixo ‘net’ e pela palavra [substantivo] ‘ativismo’ e é indicada para indicar este novo tipo de interação que através das redes digitais conecta diversos membros. (DI FELICE, 2024, s/p)

<sup>6</sup> Elísio foi deputado constituinte pelo PMDB de Minas Gerais.

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://www.massimodifelice.net/atopos> > Acesso em: 15 mar. 2024.



Notamos que, além dos humanos, outros agentes compõem o net-ativismo, levando-nos a compreender que o próprio conceito de técnica é ressignificado, assumindo-se, como na noção grega da *techne*, como um poder fazer que depende da interação entre sujeitos e ambiente. Algumas expressões são chaves para a compreensão do caráter reticular do net-ativismo, entre as quais destacamos: ecológica [ecologia], sinergia e oxímoro.

Ao recensear conceitos do que seja ecologia, Scarano e Aguiar (2023, s/p) asseveram que:

O fato é que a Ecologia é uma ciência essencialmente integrativa, cuja prática requer um constante exercício de conexão e diálogo entre disciplinas e entre diferentes escalas e níveis hierárquicos de observação [...]. Repare a preocupação com tais hierarquias nesta definição: 'Ecologia é o estudo científico de processos que influenciam a distribuição e abundância de organismos, a interação entre organismos e a transformação de fluxo de energia e matéria' [LIKENS, G. E. Excellence in ecology 3: its use and abuse. Oldendorf: Ecology Institute, 1992].

Para o espaço deste artigo, tomamos sinergia como "[...]o fenômeno que acontece quando a interação de duas causas provoca um efeito maior que a soma do efeito das duas em separado. A palavra, do grego 'synergía', significa cooperação" (HELVÉCIA, 2004, s/p).

O oxímoro, na definição do *E-Dicionário de Termos Literários* (CEIA, s/d), é a combinação de palavras paradoxais que a princípio se excluíam, mas que, para a expressão daquilo que é verdadeiro e necessário para o momento, acabam por combinar-se na busca sinérgica de um determinado efeito/resultado (SERRA, s/d).

Num exercício de "arqueologia filosófica" (AGAMBEN, 2019), cuja busca afasta-se das especificidades estabelecidas pelo positivismo sistêmico do século XIX e de parte do XX, ampliando o espectro de escavação e a conexão dos fragmentos linguísticos dispersos aqui e acolá, empreendemos um esforço por enredar as matrizes comuns de ecologia, de sinergia e de oxímoro, o que nos leva a outras tantas expressões que, em um processo *mise en abyme*, não cessam de conectar-se. Vejamos: conexão, diálogo, interação, transformação, fluxo, interação, soma, cooperação, paradoxos que se combinam, resultado. Sendo assim, o net-ativismo não é somente uma manifestação linguística; é sobretudo uma manifestação de linguagem na qual precisamos aprender a habitar.

Mais que receber e trocar informações, habitamos espacialidades interativas, info-arquitetura e plataformas que nos permitem interagir e ter acesso a conteúdos. Para habitar estas arquiteturas interativas, além de trocar informações, precisamos alterar nossa condição habitativa, deslocando a nossa socialidade, as nossas geografias e o nosso ser em ambientes informatizados. Estes não são, de forma alguma, arquiteturas virtuais, ou seja, externas ao nosso mundo físico ou ao nosso socializar cara a cara, mas são sempre a estes conectadas, transformando-os em algo plural e complexo. (DI FELICE; MOREIRA, 2018, p. 25)

A proposição de Di Felice e de Moreira (2018) refere-se à internet como um lugar para além da técnica, onde os processos de humanização são possíveis e necessários para o cultivo de uma relação ecológica que garanta a sobrevivência tanto da rede quanto dos sujeitos que vivem nela. Nessa perspectiva, a centralidade humana deixa de existir, para entrar em modo de interação, transformação e conexão.

No caso dos povos indígenas, o net-ativismo, além de um aliado para suas reivindicações e para a divulgação cultural entre a população não indígena, permite interagir de modo conectivo.

Como na metáfora da ponte analisada por M. Heidegger, o site aqui cria uma localidade, atribuindo a lugares, produtos e pessoas, funções e relações, criando e rendendo possível uma ecologia que associa em forma relacional e não opositiva as tecnologias (site, softwares, hardwares, computadores, tablets, banda larga), os elementos naturais (a terra, os produtos, etc.), os agentes humanos (produtores e consumidores) e os circuitos informativos (a web, as redes digitais e as redes sociais). (DI FELICE, 2017, p. 38)

Isso possibilita o contato com a cultura indígena nas redes digitais e sociais, o que tem se dado especialmente por meio dos jovens, como Tukumã Pataxó<sup>8</sup>, por exemplo, que lutam na internet por um mundo de visibilidade e de representatividade indígena, indo para além e contra a ideia ainda validada pelos não indígenas do “bom selvagem”, reafirmada nos romances românticos de José de Alencar *O guarani* e *Iracema*. Não podemos nos esquecer de outras lideranças que atuam on-line há mais tempo, como Daniel Munduruku<sup>9</sup>, reconhecido especialmente como escritor e educador.

Como anunciado na Introdução deste texto, a seguir analisamos o perfil do Instagram da

escritora indígena Truduá/Julie Dorrico, autora do livro *Eu sou Macuxi e outras histórias* (2019) e organizadora dos volumes *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*<sup>10</sup> (2018, com Leno Francisco Danner, Heloisa Helena Siqueira Correia e Fernando Danner), *Originárias* (2023, com Maurício Negro) e *Dramaturgias indígenas* (2023, com Luna Rosa Recaldes), entre outros títulos.

### 3 QUEM É TRUDUÁ/JULIE NO INSTAGRAM? O QUE QUER ESSA MULHER INDÍGENA?

Truduá/Julie Dorrico pertence à etnia Macuxi e nasceu em Guajará-Mirim (RO). Doutorou-se em teoria da literatura pela PUC-RS. É responsável pelo perfil do Instagram @leiamulheresindigenas e pelo canal do Youtube Literatura Indígena Contemporânea.

Mais do que trazer essa brevíssima biografia cartorária de Truduá, vale destacar como ela se diz/(des)escreve:

Então eu nasci, dois anos depois da Carta Magna, que reconhecia o direito à cidadania brasileira sem a integração, a assimilação, sem a categoria transitória, sem o ‘problema’. Minha mãe nasceu makuxi em 1964. Onde nasceu, perto de Yorora Head, não tinha cartório, mas assentamento de

<sup>8</sup> Nascido William Pataxó, depois que o Patxohã voltou a ser ensinado em seu lugar de nascimento, Coroa Vermelha (BA), passou a se chamar Pikumã Pataxó. É chefe de cozinha, tendo se formado em Gastronomia na UFBA, e ativista indígena, contando com mais de 290 mil seguidores no Instagram. Cf. @tukuma.pataxo.

<sup>9</sup> Nascido em Belém (PA), pertencente à etnia Munduruku, é professor, escritor e ativista engajado no Movimento Indígena Brasileiro. É doutor em Educação pela USP. Seus livros receberam prêmios no Brasil e no estrangeiro. De maio de 2023 a janeiro de 2024, atuou na produção novelística *Terra e paixão*, da Rede Globo de Televisão, interpretando o Pajé Jurecê. Cf. @danielmundurukuoficial, que conta com mais de 260 mil seguidores.

<sup>10</sup> Esse volume está disponível para download gratuito em: <[https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2024.

Igreja, por isso ainda hoje ela marca reuniões com o padre para encontrar seus documentos que lhe reconhecem macuxi. Ela tornou-se cidadã da Guiana, e mudou-se para o Brasil. Para viver oficialmente, é preciso admitir apenas que você não é devota de outra nação, que não tem sequer outra nação, que tudo bem, é a vida, é preciso ter documentos para gozar de direitos e deveres, afinal, é preciso viver oficialmente neste país. Aí fui registrada. Com o nome inglês que foi aportuguesado [Julie]. Um duplo que renego, que desobedeço. Mas só agora, porque quando nasci eu não sabia, minha mãe não sabia, a gente não sabia que, para viver oficialmente nesse país, a gente tinha que negar o nosso. (DORRICO, 2024, s/p)

Notamos no texto de Truduá, mesmo que dissimulados, alguns marcos no processo de (des)colonização dos sujeitos indígenas brasileiros: a promulgação da *Constituição Federal* em 1988, o direito de ser indígena, o nascimento da mãe em 1964 (ano da implantação da ditadura civil-militar brasileira, cuja relação com os povos originários do Brasil ainda está por ser estudada com a devida acuidade crítica), a presença marcante da igreja católica no processo de dominação indígena, o nome inglês aportuguesado e a consciência de um projeto de exclusão e de apropriação dos corpos e das mentes dos sujeitos indígenas. Em especial, por conta desse depoimento, optamos por intitular este texto com o binômio Julie/Dorrigo, ao modo processual. Quanto às imagens recolhidas de seu Instagram, fazemos referência a elas com o nome indígena Truduá,

a renegação desobediente da alcunha estrangeira Julie.

Hoje, falar em Instagram, nos é corriqueiro. Mas o é que o Instagram? Criado em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger (que é brasileiro),

O *Instagram* pode ser catalogado como uma plataforma que funciona como uma rede social *online* que possibilita aos seus usuários o compartilhamento de fotos e vídeos com outros usuários com interesses similares ou não (Hu; Manikonda; Kambhampati, 2014). Possibilita de forma gratuita a utilização de filtros digitais, que trocam a cor, brilho, intensidade, velocidade e modo de transmissão das imagens, e o compartilhamento em uma variedade de serviços de outras redes sociais como *Facebook*, *Twitter* etc. O recurso *Stories* do *Instagram* pode exibir fotos ou vídeos, de até 15 segundos, em tempo real ou não. As *Stories* ficam disponíveis por 24 horas e depois são apagadas automaticamente (Hu; Manikonda; Kambhampati, 2014). O que é diferente dos materiais postados no perfil, que permanecem disponíveis indefinidamente. Os vídeos de perfil podem durar até 1 minuto. (APROVATO, 2018, s/p)

O usuário pode compartilhar o que desejar com uma rede próxima de sujeitos ou com desconhecidos, optando também pela seleção não somente de textos e de imagens, mas também como intervirá nesses signos, manipulando-os conforme aquilo que almeja alcançar. Sendo assim, vejamos como Truduá se apresenta:



- Doutora em Teoria da Literatura na PUCRS. Mestre em Estudos Literários e licenciada em Letras Português pela UNIR.
- É poeta, escritora, palestrante, curadora, pesquisadora de literatura indígena.
- Venceu em 1º lugar o concurso Tamoios/FNLIJ/UKA de Novos Escritores Indígenas em 2019.
- Administradora do perfil @leiamulheresindigenas no Instagram.
- Autora da obra "Eu sou macuxi e outras histórias" (Caos e Letras, 2019) e "O lago Pri Pri" (Cia das Letrinhas, no prelo). Do folhetim "Tempo de Netas" (SESC Pompeia, 2022).
- Curadora da I Mostra de Literatura Indígena, Território de Palavras Ancestrais (Museu do Índio/UFU, 2021); I Festival de Cultura e Cinema Indígena/FeCCI (2022); e da Exposição Nhande Marandu (Museu do Amanhã, 2022); Residente no Cité Internationale des Arts (março a maio de 2023).
- Organizadora da obra "Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena" (Cia das Letrinhas, 2023).
- Pós-doutoranda do PPGL/UFRR 📖
- Bem leonina, muito leitora, estudante da língua macuxi, e um pouquinho rolezeira 🍷🎵🌸👉

Fonte: postagem fixada em 5 ago. 2023 (@truduadorrico).

Essas informações, mesmo que cartorárias e encontráveis em vários lugares das redes digitais, são essenciais para que aqueles que não acompanham o trabalho da pesquisadora e ativista Macuxi, especialmente os não indígenas, para quem os títulos universitários, a escritura de textos literários ou não e o reconhecimento com a outorga de premiações mostram-se indispensáveis para que se ocupe um lugar de credibilidade na cultura e na academia.

Truduá utiliza com adequação seu Instagram, fazendo pequenas produções textuais, que nascem, nalgumas vezes, de sua indignação com as atrocidades e com os desmandos jurídicos e políticos cometidos contra seus parentes indígenas, como vemos nas imagens a seguir:





Fonte: publicação de 19 out. 2023(@trudruadorrico).

Truduá refere-se à morte do casal de rezadores Guarani e Kaiowá, Sebastiana Gauto (92 anos) e Rufino Velasque (75 anos), em 18 de outubro de 2023, encontrado carbonizado na casa onde vivia, na aldeia Guassuty, em Aral Moreira (MS). As redes sociais de organizações indígenas divulgaram imagens do ocorrido (cf. imagem 3/4 acima). Sebastiana era uma *nhandesy* (rezadora), sendo chamada de feiticeira, especialmente pela população não indígena da região.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Cf. matéria disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/09/19/casal-de-rezadores-guarani-e-kaiowa-e-encontrado-carbonizado-no-mato-grosso-do-sul>>. Acesso em: 25 abr. 2024.

Outra situação memorável e que foi registrada por Truduá traz a imagem do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes afastando a tese do marco temporal:



1.171 curtidas

truduadorrico Uma luta que nunca vai cessar!!! Vitória dos Povos Indígenas! Do Movimento Indígena!

Quem voltar um pouquinho a história saberá como o instrumento jurídico foi usado para acuar e ameaçar os poucos direitos territoriais - e tudo que dele deriva - conquistados com sangue, ao preço da discriminação, racismo, ódio, e toda exclusão indígena de todos os estratos sociais – políticos, econômicos, estéticos, culturais.

Hoje é uma vitória especialmente coletiva forjada na mobilização de associações, coordenações, articulações regionais, estaduais e plurinacional.

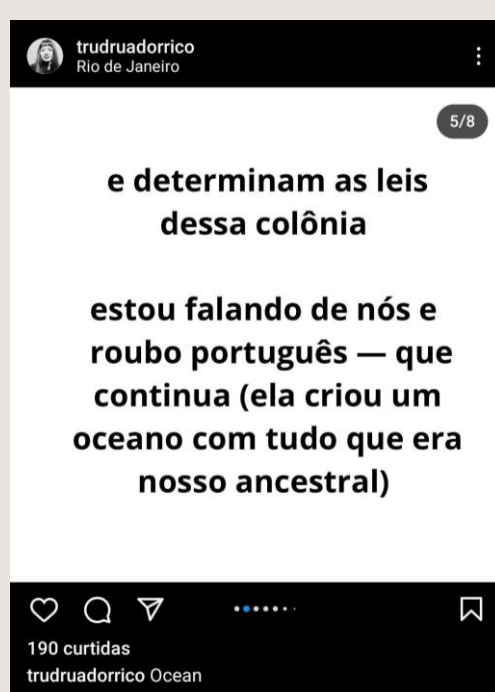
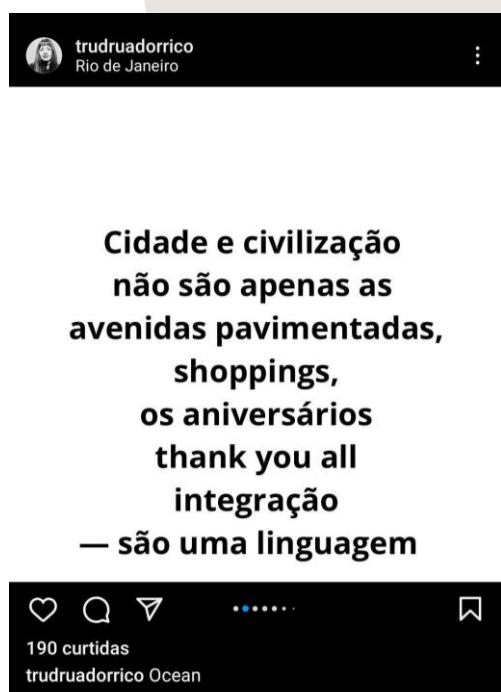
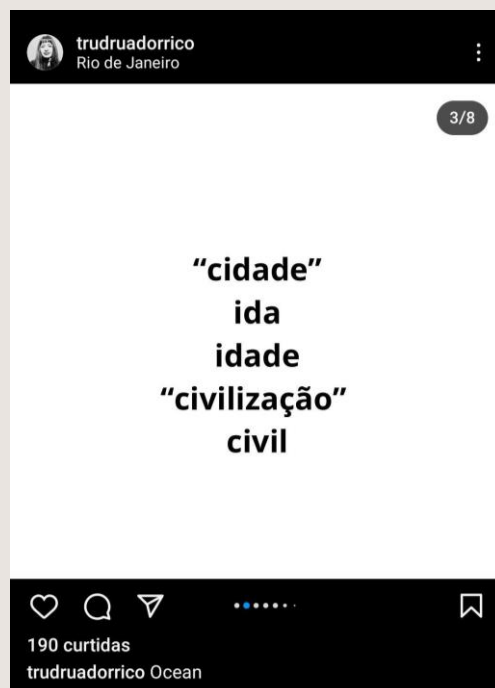
Hoje essa vitória é coletiva e individual, porque ela também é minha e de cada indígena residente aqui. Ademais, um respiro para o mundo que começa a compreender que urgência climática é uma consequência da urgência indígena iniciada há 523 anos.

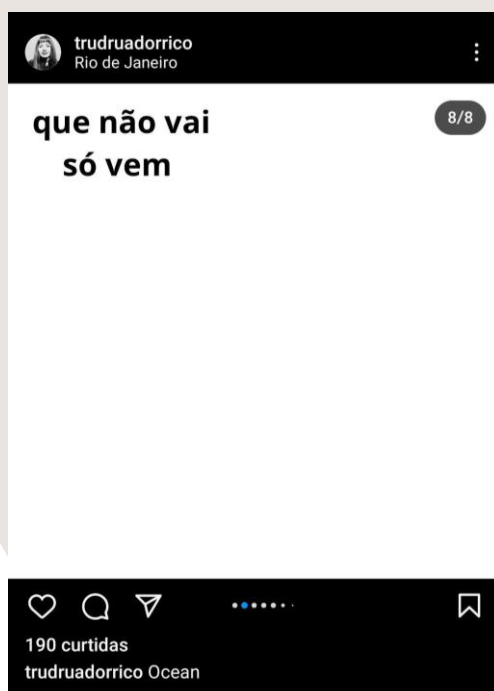
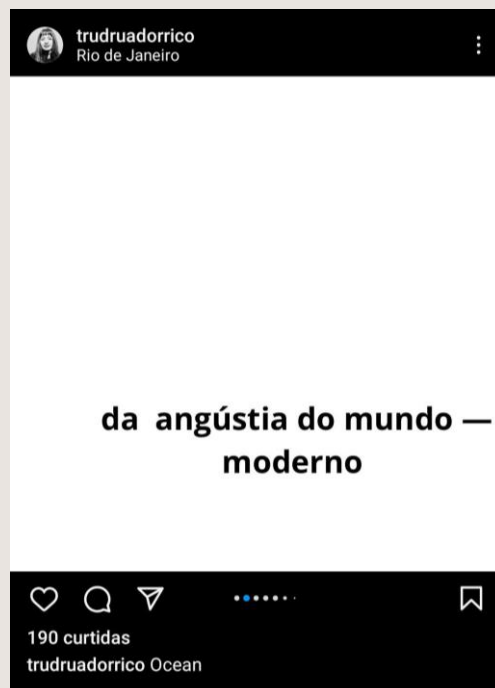
E VIVA A NOSSA LUTA!!!

Ver todos os 30 comentários

Fonte: publicação de 21 set. 2023 (@truduadorrico).

Noutras ocasiões, a escritora Macuxi destaca sua verve poética, aliando-a à crítica à sociedade não indígena e ao modo de vida nas cidades, como vemos nos textos que seguem, que compõem a publicação/o poema intitulado *Ocean*:





Fonte: publicação de 18 set. 2023 (@truduadorrico).

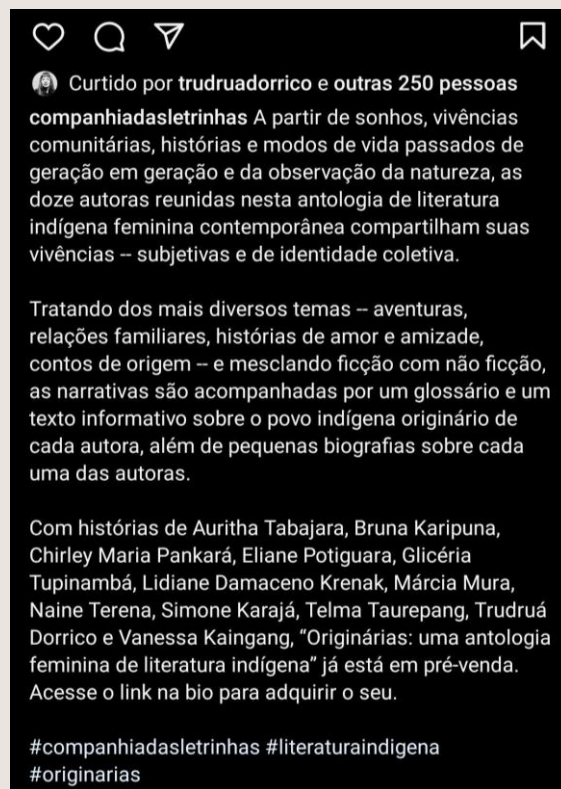


É de se destacar a agudeza com que Truduá lida com a linguagem, decompondo as expressões cidade e civilização, aproximando-as não somente do concreto das ruas pavimentadas dos centros urbanos e da balbúrdia dos shoppings, mas sobretudo das colônias instauradas no além-mar pelos portugueses e na apropriação de um oceano/de uma imensidade que foi/é indígena.

Há também espaço para que ela divulgue seus livros e outras manifestações e eventos dos quais participa, seja incentivando seus seguidores a conhecer/ler suas obras, seja repostando fotos e/ou vídeos mostrando feedbacks ou trechos de suas publicações.



Fonte: publicação de 21 out. 2023 (@truduardorrico).



Fonte: publicação de 31 ago. 2023 (@truduadorrico).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço do Instagram ressignifica o lugar no mundo não somente de Truduá, mas de todos os sujeitos indígenas. Ela escreve para quem é indígena e para quem não é também, chamando a atenção de seus seguidores para os problemas da sociedade ocidental, seja por meio de uma poética carregada de histórias, oralidade e críticas — como na publicação/no poema *Ocean*, acima disposto —, seja nos vídeos ou nas lives que ela faz direto das aldeias e de outros lugares. Sobretudo, a cultura indígena e as reivindicações dos sujeitos indígenas são publicadas, na tentativa de promover a integração entre as diversas etnias e delas com os não indígenas.

#### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. Arqueologia filosófica. In: AGAMBEN, Giorgio. **Signatura rerum. Sobre o método**. Tradução de Andrea Santurbano e Patricia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2029. p. 115-160.
- APROBATO, Valéria C. Corpo digital e bem-estar na rede Instagram – um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade. **Boletim - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v.38, n.95, jul./dez. 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2018000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000200003)>. Acesso em: 28 fev. 2024.
- CAMPOS, Yusef; KRENAK, Ailton. Parte 1: Norma jurídica não é poesia. In: CAMPOS, Yusef; KRENAK, Ailton. **Lugares de origem**. São Paulo: Jandaíra, 2021. p. 11-41.

DI FELICE, Massimo. **ATOPOS**. Disponível em: <<https://www.massimodifelice.net/atopos>> Acesso em: 15 mar. 2024.

DI FELICE, Massimo. Atopia, redes digitais e a crise das formas do habitar do ocidente. *In*: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete S. (orgs). **Redes e ecologias comunicativas indígenas. As contribuições dos povos indígenas à teoria da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2017.p. 15-39.

DI FELICE, Massimo. O Net-ativismo e as dimensões ecológicas da ação nas redes digitais. **PAULUS**: Revista de Comunicação da FAPCOM, São Paulo, v.4, n.7, p.17-37, jan./jun. 2020.

DI FELICE, Massimo; MOREIRA, Fernanda Cristina. Pachamama e a internet of things: para além da ideia ocidental de cidadania. **Lumina**, [S.L.], v.12, n.3, p. 24-40, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21568>>. Acesso em: 14 maio 2024.

DORRICO, Truduá. **Para viver é preciso ser oficial**. Disponível em: <<https://www.goethe.de/prj/hum/pt/dos/ctr/25206296.html>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

DORRICO, Truduá; NEGRO, Maurício. **Originárias**: uma antologia feminina de literatura indígena. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DORRICO, Truduá; RECALDES, Luna Rosa. **Dramaturgias indígenas**. São Paulo: N-1 edições, 2023.

FERREIRA, Alice Maria Araújo. Prefácio. *In*: HARDY-VALLÉE, Benoit. **Que é um conceito?** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2023. p. 7-12.

HELVÉCIA, Heloísa. **Resiliência**: um conceito em alta. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u810.shtml>> Acesso em: 28 fev. 2024.

JACINTHO, Valéria Lourenço. Txerery Nimboawy – Txere’yi reta, Nhandereko. *In*: NHANDEVA, Alexandro da Silva; ALMEIDA, Tiago, Pyn Tánh de. **Tetã Tekoha**. São Paulo: Pólen, 2020. p. 68-89.

KILOMBA, Grada. 2. Quem pode falar? Falando no centro, descolonizando o conhecimento. *In*: \_\_\_\_\_.

**Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 47-69.

NHANDEVA, Alexandro da Silva. Nossa história nós conhecemos. *In*: NHANDEVA, Alexandro da Silva; ALMEIDA, Tiago, Pyn Tánh de. **Tetã Tekoha**. São Paulo: Pólen, 2020. p. 14-19.

SCARANO, Fabio Rubio; AGUIAR, Anna Carolina Fornero. Ecologia: do conhecimento sistêmico ao transformador: é preciso tratar o componente humano como parte indissociável do que entendemos como natureza. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.75, n.2, abr./jun. 2023 Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=ci\\_arttext&pid=S0009-67252023000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=ci_arttext&pid=S0009-67252023000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 28 fev. 2024.

SERRA, Carlos. S.V. Oxímoro. *In*: CEIA, Carlos (coord.). **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/>> Acesso em: 14 mar. 2024.